

# *O sonho de ser escritor*

*Elder Pr@tes*

*Jorge, meu velho... Dedico-lhe este singelo livro  
por tudo o que você fez por mim, por tudo o  
que tenho e, porque me ensinou o que é ser um  
homem digno, de bem.*

*Do seu filho Elder.  
Um enorme beijo!*

*Nem sempre somos dores, nem sempre  
somos fortes... E só seguimos, porque  
existem sonhos...*

# *Prólogo*

Comecei este texto com muito medo... Medo dos críticos, dos leitores, medo de mim mesmo, só que... O que é o medo?

Bom... Existem dois tipos de medo, o que nos protege e o que nos restringe, sendo que o primeiro é o instinto, o freio que nos previne do pulo e, o segundo, é o pedregulho impedindo o nosso prosseguir. Dos frouxos e medrosos, é óbvio. Pois os intrépidos rompem os empecilhos e seguem em frente, removendo o choro do rosto, esquecendo os tropeços, os ferimentos, os inimigos.

Porém, existe o inverso do medroso, que é o destemido e, é esse que move os progressos do mundo. É esse que vê no novo o seu inflexível presente e, é esse que escolhi ser. O destemido... O que é diferente de ser um louco ou inconsequente, cujos movimentos nem sempre possuem lucidez.

Por isso, rompi o medo e embrenhei-me no escuro do desconhecido, enfrentei o complexo, o difícil de escrever este livro que no

momento você lê, querido leitor. Livro inteiro escrito sem conter o primeiro símbolo de nosso rico e belíssimo Português.

Só que sou consciente de que é impossível este livro ser um best-seller, pois o gosto do leitor de hoje é por monstros, ilusões... Contudo, meu intuito primeiro no momento em que decidi discorrer este texto foi o meu próprio crescer. Busco nestes verbetes um melhor escrever, sem querer lucros, sem desejos esdrúxulos, só por imenso vislumbre pelo mundo dos verbos. Serei feliz se conseguir vencer todos os meus vícios e destruir os demônios internos que querem me corromper. Penso muito pouco em dinheiro, em supérfluo, existem outros belos sonhos que desejo percorrer. E um deles é escrever, pois me sinto livre no momento em que exponho meus desejos, meus sonhos. Sinto-me vivo porque escrevo, e escrevo porque isso nutre o meu viver... Só me sinto vivo porque expresso o que penso, pois intelecto mudo, é lixo!

E por fim, utilizo-me deste prólogo e explicito que, somente uns dez por cento do que foi discorrido neste texto – ou menos – condizem com meu viver. Todo conteúdo

descrito neste livro é um misto de verídico e fictício, evite descobrir o limite entre eles, porque isso é impossível.

# *Início.*

Meu nome é Derel, e desde menino eu sempre gostei muito de ler, e como eu gosto...

No interior dos livros posso percorrer mundos lindos e cheios de sonhos, mundos tenebrosos com monstros terríveis, mundos diferentes do nosso, mundos únicos... Incríveis...

E por isso leio tudo o que consigo e posso, leio Jorge, Lispector, Stephen King, Dee Brown, Émile Durkheim, Georges Perec, Homero, Freud, Nietzsche, Drummond e outros.

O ler me permite correr pelo infinito horizonte despido, pelo eterno e o belo. E esse gosto imenso pelos livros despertou em mim um enorme sonho, o desejo de ser escritor.

\*\*\*

No começo desse penoso rumo que decidi seguir, comentei com meu progenitor o meu intuito e, ele, com conhecimento suficiente de um ser com meio século vivido, disse-me:

– Filho, por que escolher um destino onde poucos têm o sucesso como retorno? É muito bonito o que você quer. Só que é muito difícil seguir neste percurso. Ninguém enriquece escrevendo livros.

– Eu sei... Eu sei, velho... Só que em dinheiro é no que menos penso – respondi. – No correr dos dedos quero tecer e expor o belo por meio de meus textos.

– De belo ninguém come ou vive, meu filho. O mundo é cruel e nem sempre nossos sonhos devem vir primeiro. Procure ser um técnico, engenheiro, médico, físico, químico, cozinheiro ou professor, menos escritor.

– Por isso, você crê que o melhor que tenho é desistir de escrever? – O inquiri.

– Como fonte de sustento sim, meu filho. Seus textos devem ser um hobby. Primeiro você tem que investir no seu futuro, depois investir em sonhos – ele concluiu, num dizer seco e duro, como um tiro rompendo meu peito.

\*\*\*

Logo depois desse deprimido momento com meu herói, eu chorei por noites e noites sob



o silêncio do meu cobertor, desiludido. Um rio inteiro correu sobre meu rosto.

Tirei do pó o envelope onde coloquei os meus obsoletos textos, os retirei do sono. Peguei texto por texto, li um por um como se me despedindo de todos, e os coloquei de novo no escuro do mesmo envelope.

Só que o persistir superou o desistir e, num primeiro momento eu ignorei os conselhos do meu velho, ergui o pescoço, sequei o choro e decidi insistir em meu sonho, mesmo sozinho, mesmo sem dinheiro, mesmo sem um ombro compreensivo que me movesse, mesmo sem nenhum incentivo.

Contudo, insistir é muito diferente de conseguir. Querer nem sempre é poder, como diz o primevo provérbio. Foi o que percebi.

O difícil despiu-se defronte de mim no minuto em que tentei escrever meus novos textos. Perdi-me nos pontos, nos verbos, como nos pronomes. Meu conhecimento mostrou-se mínimo e o muito que li nos meus poucos verões vividos revelou-se insuficiente. Nenhum textinho sequer eu consegui escrever. Desesperei-me, senti-me impotente, olhei pro céu e supliquei, pedi que os deuses emitissem

luz, só que nenhum brilho surgiu e, num segundo de desespero eu pensei em desistir, de novo. Porém, fiz melhor... Superei meus medos e busquei conhecimento, lendo... Lendo muito... Debrucei-me em livros de diferentes escritores. Estudei estilos, formei estrofes e rimei versos como treino. E hoje escrevo de tudo um pouco, só que nenhum dos meus mil e poucos textos virou um livro sequer.

Que duro sonho eu escolhi... Que duro sonho... – pensei.

Fiquei um pouco esmorecido, desiludido pelo difícil que surgiu. Digeri o remorso e deixei o meu sonho dormindo por muitos e muitos outonos...

Tomei outro rumo. Repensei tudo de um modo diferente, tristonho por sentir-me impotente. Por fim, resolvi seguir o conselho que ouvi do meu herói...

Olhei prospectos de infinitos cursos, só que em nenhum deles tive interesse e, por puro impulso, inscrevi-me no curso Técnico Eletrotécnico de um colégio construído perto do museu onde ocorreu o grito de sete de Setembro. Prestei o vestibulinho e fiquei

mediocrementemente em trigésimo sexto. Com isso iniciou-se um novo ciclo em meu viver.

Estudei sem desejo por oito semestres infinitos, queimei preciosos neurônios no resolver de benditos números, porém, segui em frente.

O primeiro bimestre foi difícil, o segundo teve pouco volume de estudo, e o terceiro foi lindo. Conheci um ser esplendoroso como conforto, seu nome Lu, com quem tive momentos únicos, divinos. Juntos nós vivemos o intenso e o belo do sublime sentimento que todos querem. Só que durou pouco, e o término de tudo foi burrice, fui um tolo pueril. E disso lembro-me sempre com imenso remorso no peito. Desculpe-me, Lu.

Concluí o curso em Dezembro de dois mil, e em Fevereiro de dois mil e um eu consegui um emprego, onde fiquei somente por dinheiro, num rumo insosso que o destino me impôs.

\*\*\*

Só que em dois do cinco de dois mil e oito surgiu um brilho no fim do meu escuro

túnel, conheci um site onde escritores expõem seus textos. Inscrevi-me e logo postei os meus. Recebi elogios, desprezos, de tudo um pouco. E nos sorrisos mirei meus esforços, querendo outros.

Postei textos de diversos gêneros e em diferentes estilos. Li e comentei outros escritores e, fui me desenvolvendo. Sempre um pouco receoso, meio tímido, com medo... Só que sempre indo.

Com dinheiro no bolso comprei um notebook novinho e intensifiquei meus esforços.

Busquei todos os veículos possíveis onde eu pudesse expor os meus textos. Fiz site, fiz blog... Só que continuei desconhecido. Percebi que sem um livro impresso ninguém pode ser visto como escritor, muito menos reconhecido.

“Eu preciso de um editor” – pensei...

Em inúmeros sites procurei esses benditos editores, que existem, porém, ninguém os conhece. Encontrei poucos, me expressei com todos, só que nenhum deles respondeu-me. O muito que recebi foi desdém e silêncio... De novo o triste brotou em mim... Despenquei...

Depois de muitos e muitos inúteis *monólogos* que tive com editores indiferentes, os esqueci, decidi seguir sozinho, como sempre.

“Eu vou ter um livro, mesmo que eu tiver que imprimir texto por texto sozinho” – pensei. Só que logo compreendi que isso pede muito dinheiro e, meu bolso mostrou-se pobre.

Recebi o primeiro tropeço, por conseguinte, congelei meu sonho... Continuei escrevendo somente no site e no blog; no começo só no site, o blog veio muito depois...

E no site mesmo recebi um convite, em dois mil e nove. Convite remetido por Livro Pronto. Fiquei curioso e cliquei no link, depois feliz com o que vi descrito: **Seu livro corrigido, com isbn e impresso por um pequeno custo. Imperdível! “Publique conosco”.**

Excitei-me, consegui dinheiro e publiquei – junto com outro escritor – os primeiro e segundo livros, e o terceiro que compus sozinho. Só que os nossos livros pouco vendem, continuo desconhecido, e o escritor quer ser lido.

– “E como ser lido”? – Tentei refletir... Colosso mistério...

“Preciso de um editor que me tire do desconhecido, que coloque meu livro em todos os pontos deste imenso território que temos. Desse jeito que publiquei meu livro eu pouco venderei, e com isso, serei visto por poucos” – pensei.

Busquei de novo esses benditos editores, conversei com muitos. Somente um pediu-me os meus textos e com isso, entrei num novo sonho... Rezei e desejei que Deus estivesse comigo... E fui... Levei sob o meu membro superior direito o precioso berço dos meus textos, o envelope preto. Peguei metrô e ônibus no percurso – muito longe o escritório do editor –, e depois de cento e vinte minutos foi que cheguei. Ofeguento eu fiquei imóvel por uns minutos defronte do monstruoso prédio. Respirei... Observei os ciprestes – como os de Vincent – em torno do edifício. – “O que Deus quiser eu seguirei”... – Decidi subir, e entrei...

No escritório fui recebido pelo próprio editor, que me cumprimentou dizendo-me seu nome, Demétrio. Depois me pediu os textos de um modo curto e ligeiro. Entreguei-lhe o envelope, e ele retirou de dentro os meus singelos escritos. Com um cínico sorriso no

rosto ele leu poucos deles, olhou-me nos olhos e proferiu duros e dolorosos espinhos:

– Só publico textos bons, meu jovem. E este monte que você me entregou é o oposto disto.

– Quer dizer que tudo o que escrevi é ruim? – O questionei.

– Nem tudo... Só que eu só publico o que é novo, diferente, excêntrico... Como estes textinhos simples que você trouxe-me eu recebo milhões de mês em mês.

– E o que é novo pro senhor?

– Quem deve ter isso em mente é o senhor, escritor. Eu só pesquiso, procuro um novo gênio... Depois edito e publico. Porém, sei muito bem distinguir o novo do comum. E no momento certo eu escolho. Se me trazer um texto novo e bom, lhe direi. Só que isto que você me trouxe hoje é como os outros que tenho, como outros que jogo no lixo todos os meses. Por isso, comigo esquece. Tome os seus textos – ele entregou-me o envelope.

Peguei meus textos feitos com muito suor e esmero, olhei no fundo dos olhos do editor e comentei:

– Se é o novo que o senhor quer de mim, eu lhe escreverei o novo, custe o preço que for.

– Só se for muito superior do que você tem nesse envelope – ele respondeu-me com desprezo.

Um desejo imenso de desferir um soco no queixo do infeliz editor Demétrio percorreu os meus nervos, só que me contive.

De novo o choro quis correr (que sensível esse menino). Risos do escritor...

Cingi meu tesouro e corri do escritório, quis sumir do prédio, sumir do mundo; entristecido com tudo o que ouvi. Um súbito e ridículo impulso fez-me querer ver os textos em destroços, só que o meu ego impediu-me de cometer esse doido deslize.

– O editor disse-me que o que tenho é o mesmo que os *trocentos* milhões que ele recebe todos os benditos meses... O mesmo que dizer-me que o conteúdo do meu envelope é um lixo. “Me fodi! Todo esforço que fiz foi inútil. De novo devo escrever texto por texto, de novo estou no zero. Isso se eu quiser mesmo ser um escritor impresso, e com isso, reconhecido” – pensei.



Depois que despentei do prédio fiquei um bom tempo em pé sobre o meio fio... Observei o céu, e nenhum brilho surgiu-me. Senti-me perdido e perplexo por todo esforço que fiz sem reconhecimento. Produzi somente textos inúteis, segundo o editor. Desejei que ele se fodesse, só isso...

\*\*\*

Peguei de novo metrô e ônibus entupidos de gente, espremido num misto de fedores e perfumes e, só depois de cento e vinte e cinco minutos é que cheguei no conforto do meu *loft*. “*Desculpem-me dizer do loft só neste momento... Éééé, eu tenho um loft. Pequeno, porém suficiente pro meu pequeno corpo. Risos do escritor*”... Entrei com o psicológico meio destruído e me joguei num velho pufe vermelho que tenho; pensei sobre tudo o que foi dito pelo editor. “É o novo que ele quer... É o novo que ele quer”... – foi o que refleti, com esses verbetes corroendo meu cérebro.

Eu vou produzir o novo, se é isso que esse editorzinho quer – senti-me forte no momento em que um repentino impulso possuiu-me. Emergi do pufe e peguei o

notebook, liguei-o e comecei compor diversos sonetos escritos num novo estilo que criei, decidi escrever cento e um sonetos num intenso despir de sentimentos. Compus meus dois primeiros grupos – estrofes – de sete versos, o primeiro soneto do meu primeiro livro:

### ***Um pouco do que sou.***

*Sou um lírio perdido no imenso.  
Torcendo e querendo outro beijo.  
Os seus toques correndo meu rosto.  
Revolvendo-me de novo, como num rio revoltoso.  
Enchendo-me de brio, um lusco-fusco de ego.  
Sem fel ou eterno, pois o sempre, sempre morre.  
Escorre por entre os dedos e, depois, ressurge.*

*Sou o medo, o ego e o deserto.  
Sem ter um rumo definido.  
Sou o perigo e o gostoso do incerto.  
Um cego se tiver o peito corrompido.  
Eu sou lírico, louco, desnudo por completo.  
Esquecido do mundo, de mim mesmo.  
Sou um ser imerso em sonhos, incompletos...*

\*\*\*

Logo que terminei o primeiro soneto o interfone toou...

– O que foi seu Zé? – Questionei o porteiro no minuto em que peguei o fone. – Se for o leiteiro pode dizer que sou solteiro, e tenho horror em ser corno. Dispensou... Se for o dos confeitos você pode dizer o mesmo... E se for o pedreiro, pode dizer o mesmo...

– É o seu velho, Derel, e disse que quer subir – o porteiro interrompeu-me.

– Tudo bem seu Zé, o deixe subir.

– Se quiser eu dispensou.

– Como se quiser eu dispensou? Você ficou louco, seu Zé. É o meu velho, o deixe subir.

– Tudo bem, eu deixo. Só quis ser útil...

– O deixe subir, seu Zé, por obséquio – concluí seco, e desliguei o fone.

Fiquei meio perdido num primeiro momento, tentei esconder um pouco do meu desleixo poluindo o *loft* inteiro... Desisti no primeiro monte...

– Tudo bem contigo, meu filho? – Foi o que meu progenitor disse-me logo que entrou no *loft*.

– Estou bem... E o senhor? – Respondi e perguntei meio tímido, inseguro. Tivemos muitos conflitos.

– Por que você insiste nesse negócio de escrever? – Ele indicou com o dedo uns escritos e o notebook.

– O senhor veio no meu *loft* por isso?

– Eu vim lhe ver, só que me entristece vê-lo insistindo nesse improfícuo negócio que é escrever.

– Escute-me, velho... Sente-se neste pufe... Eu corri e sofri muito por estes textos, isto que o senhor indicou como se fosse um lixo é o meu sonho, o meu existir, estou pouco me fodendo pelo dinheiro, pelo viver mediocrementemente que todos querem de mim. Eu quero ser eu, busco em mim o legítimo motivo do existir, pois o externo é efêmero, o simples ter é medíocre. Posso ser sem ter o que muitos querem, porque o feliz comigo mesmo é que é o meu motivo de viver. Nós homens somos feitos de corpo e espírito, porém, temos o costume de sorver somente fúteis que preenchem os desejos

do corpo, nos esquecendo do espírito, e como sou consciente disso, quero ser diferente, quero contribuir neste mundo repleto de gente que só corre em torno do próprio umbigo. Independentemente dos tropeços, eu quero ser o sonho de um indivíduo, o sorriso de outro, mesmo que pelos meus singelos textos. Eu pouco me importo com o supérfluo que o mundo me oferece. Eu pouco me importo com os luxos, com os potentes, os inimigos, os críticos. Eles têm um motivo de existir, de ser, e eu tenho o meu... Escrever...

– Filho, eu só vim ver você, esquece esse negócio de texto que eu comentei. Hoje eu só quero um encontro feliz contigo, só isso.

– Nesse momento o choro brotou de mim, me joguei no colo do meu velho. O tempo mostrou-se remédio, de novo nós dois juntos.

– Eu só quero ver você feliz, meu filho. Você pode ser escritor, cozinheiro, pedreiro, copeiro, doutor, você pode ser o que for que sempre serei o teu velho, como você mesmo diz.

Risos dos dois...

– Eu escrevi esse texto hoje – indiquei o notebook, meio preso, tímido, rompendo o silêncio que se fez depois dos nossos sorrisos.

– Posso ler? – Meu progenitor inquiriu-me.

– Deve... Esse texto fui eu quem escreveu... Seu filho. E você deve ter orgulho disso.

– Tudo bem, eu vou ler... Sem pressões.

– Eu vou beber um suco. Quer um?

– Posso ler? – Ele olhou-me com um cínico sorriso. – E eu quero sim um suco.

– Pode – respondi, e fui beber o suco.

Em dois minutinhos eu bebi o meu, e trouxe o suco do meu velho.

– Gostei do seu texto.

– É um soneto... Oh o suco – entreguei-lhe o copo. – Só que é um soneto escrito num novo estilo.

– Como um novo estilo?

– É um estilo que criei, ninguém conhece. É só um treino.

– Entendi...

– E o povo, tudo bem? – Rompi o silêncio e perguntei dos meus entes queridos.

– Tudo. Todo mundo lhe enviou beijos.

Em um segundo, lembrei-me de todos; formou-se choro dentro de mim, porém, me fiz de forte e o segurei.

– Bom, filho... Eu vou indo...

– Por quê? É cedo, pô.

– Eu só vim ver você um pouco. E gostei de vê-lo bem, comprometido com seus sonhos, e me envergonho por nos últimos tempos ter visto este seu dom como um entretenimento fútil.

– Que isso, velho. Tudo isso é pretérito.

– É filho, eu sei que tudo é decorrido, porém, me entristece e me envergonho – como eu lhe disse –, por ter lhe repreendido no momento em que tudo começou. Inclusive fico muito feliz por ver que você seguiu seu rumo mesmo sem o meu consentimento, sem o meu ombro. Você merece todo sucesso do mundo, todo reconhecimento que um homem pode ter, pois... Como Jorge, você é guerreiro.

\*\*\*

Depois de meses consegui compor conteúdo suficiente. Coloquei tudo no mesmo envelope de sempre e voltei no escritório do editor que me chutou. Fui com o pescoço erguido, cheio de mim, orgulhoso com os sonetos que produzi.

Peguei ônibus e metrô, entupidos de gente, de novo.

Pisei no escritório do editor depois do som do décimo primeiro sino. Ele mesmo recebeu-me, com olhos poucos receptivos.

– Entre. Por obséquio.

Entrei conforme o pedido do editor...

– Sente-se... Deixe-me sorver um gole do meu uísque, e logo leio seus textos. É só um minuto – ele disse-me, removendo um litro de uísque de um esconderijo secreto, sob os diversos livros; despejou três doses no copo e pôs um cubo de gelo dentro. Bebeu tudo num longo gole, sentou-se e inquiriu-me:

– O que me trouxe?

– Cento e um sonetos, contudo, escritos num novo estilo que criei.

– Um novo estilo? Sei... – O editor desdenhou meus dizeres. E pegou o envelope que lhe entreguei.

Ele retirou do envelope preto os meus textos, leu uns cinco ou seis sonetos de modo indiferente, torcendo o beijo. Juntou todos com jeitinho, os colocou no negro envelope e me entregou os sonetos.



– Eu lhe disse que só publico texto bom. Esquece esse negócio de sonetos, versos, textinhos melosos. O povo quer ver é suspense, sonhos, monstros. Todo mês eu recebo um monte desses sonetos, independente de ser num novo ou velho estilo.

– Me diz o que quer... Que eu escrevo.

– Escute-me, filho... Se você quer mesmo ser um escritor reconhecido, lido no mundo inteiro e vencedor de prêmios, você tem que primeiro imergir em estudos. Melhore seus escritos, utilize verbetes desconhecidos, forme versos ricos. O que é senso comum eu recebo muito, todos os meses, por isso é que eu lhe disse que só publico o novo. Busque conhecimento e embrenhe-se nos métodos dos fortes e dos gênios.

Ouvi tudo o que o editor me disse, e por fim proferi:

– Tudo bem! Eu lhe escreverei o diferente, pois o novo é meio que impossível. O senhor me permite um futuro teste?

– Infinitos testes eu lhe concedo... Só que se os seus próximos textos forem ruins, meu veredito é mesmo. Se me trazer o novo, ou no mínimo o diferente, como você mesmo me

disse, eu o publico. Porém, só se for desse jeito, sem desvios, sem sugestões, sem textinhos medíocres. Tenho meu método e, é seguindo ele que publico, prevendo primeiro um retorno meu, do meu investimento, depois do seu como escritor. É isso que viso, e se quiser, é este o meu procedimento.

– Eu vou lhe escrever o diferente, custe o preço que for. Sou um desconhecido e pouco posso escolher, sendo que, mesmo que de um modo difícil, você é luz no meu destino. E se surge luz, independente do pouco brilho que possuí, pode-me ser muito.

– Lhe desejo sorte – o editor concluiu, estendendo-me um cumprimento com olhos de isso é tudo, e com um cínico sorriso.

– Retribuí o cumprimento, sem sorrir. E sumi do escritório...

Fiquei por minutos defronte dos ciprestes, sob o Sol fervente do estio. Sem rumo, triste, sozinho. Tendo somente o metrô como destino, depois o *loft*, o pufe... O refletir e escrever o novo...

“Complicou”... – É o que ficou remoendo em meu cérebro.

\*\*\*

Meu retorno foi ligeiro, o metrô correu e o pequeno número de veículos permitiu um bom fluir do ônibus. Ingressei no meu *loft* e determinei o chuveiro como meu primeiro destino. Entrei sob o morno fluido incolor, refleti sobre mim, sobre o sonho que decidi seguir. Pensei no que foi dito pelo editor, dos invejosos que sempre querem me destruir, e de novo escolhi seguir, pouco me fodendo com os juízes que terei em meu prosseguir. Fiquei muito tempo sob o chuveiro, e só desliguei-lho no momento em que o lúcido repousou sobre mim. Ignorei todo possível erro...

Fechei o chuveiro, sequei-me, cobri-me com o meu melhor perfume, e fiquei sozinho, sobre o pufe, ouvindo um Doors no último volume, *The End*, o fim...

Lembrei-me dos percursos percorridos, dos fermentos, dos insultos que recebi de muitos... Emergi do pufe, mudei o som, coloquei *Riders on the storm*, com o mesmo volume, no topo. Um súbito impulso imergiu em meu ser, peguei o Notebook e decidi escrever um livro

sem que houvesse o primeiro verbete de nosso belíssimo e difícil Português. Um estilo que conheci em um texto de Georges Perec. Só que o intuito de escrever o diferente mostrou-se impossível.

“Como ele conseguiu isso”? – Com olhos fixos no texto de Georges Perec perguntei-me, por vezes e vezes, pois tentei escrever um tópico sem o verbete que decidi excluir, e nem um versinho se quer eu consegui desenvolver. “Isso é serviço de louco” – foi o juízo que obtive. Só que de louco eu sei que tenho um pouco e, esse pouco de doido que tenho foi o que me moveu, decidi prosseguir, mesmo com o difícil querendo me impedir. Fritei miolos, busquei sinônimos desconhecidos e consegui meus primeiros versos, simples, meio pobres no começo, só que continuei. Pensei e pensei sobre o que desenvolver e, resolvi escrever dois contos sem conter o primeiro verbete do nosso Português. Sendo que o nome do primeiro conto é “Lindo encontro” e do segundo é “O mistério do pingente de ouro”. Espero que goste, querido leitor.

\*\*\*

Segue o primeiro conto:

### *Lindo encontro.*

Num belo domingo, de noite, eu voltei ébrio do sítio de um conhecido meu. E o pouco que me lembro é que *Morfeu* recebeu-me e pôs-me em sonhos... Só que nem dormi direito e, despertei com o telefone insistindo... Ouvi o gorjeio do cuco e vi o relógio dizendo oito em ponto.

“Quem pode ser logo cedo”? – Pensei.

– Oi... Pronunciei-me no momento em que peguei o fone.

– Oooooooooiiii, lindo! – Um grito seguido de um sussurro:

– Esqueceu de mim?

– Denise? – Perguntei como se estivesse num sonho.

– Bingo! – Denise respondeu.

Excitei-me, refiz-me sobre os lençóis e endireitei o fone no ouvido direito, com intuito de ouvir melhor.

– Como eu vou me esquecer de um ser lindo como você? – Questionei num sussurro de locutor.

– Você sempre diz isso? Risos...

– Impossível... Encontro como o que ontem tive contigo só me ocorreu ontem. Mulher como você só se for um clone, ou em sonhos...

– Clone? Risos... – Muito bom! Nós nos veremos de novo? Ou você é como os outros homens, que prometem o mundo num segundo e noutro se esquecem dos dizeres?

– Posso dizer que sou único, só isso! Posso inúmeros defeitos, só que sou único, isso eu sou... Um medíocre em muitos momentos, como posso ser inesquecível noutros.

– E modesto, né?

Risos dos dois...

– Só um pouco.

Outros risos...

– Se depender de mim, é óbvio que nos veremos. Estou louco e frenético por esse momento – expressei meus sentimentos, intrépido, sem cortes.

– E eu digo o mesmo – Denise emendou.

– E em que noite nos veremos?

– Tem que ser noite? Risos...

– Eu prefiro... De noite o belo surge e os momentos simples se convertem em esplendor.

– Seus dizeres vêm sempre em versos?

Risos...

– Só se me restringirem... E o escritor nos restringiu, querido...

Risos dos dois...

– Pode ser hoje nosso encontro? – Perguntei, sôfrego.

– E como pode... Esse convite é o que de melhor ouvi nos últimos meses. Esperei desprezo de você. Só que vejo que me equivoquei. Você é mesmo um príncipe.

– Eu? Um príncipe? Como pode ver-me desse jeito se me conhece bem pouco?

– Eu sinto... Posso dizer que é um sexto sentido feminino. Risos...

– Se você diz...

– Digo sim... Sim por outro encontro contigo... Sim por um belo sonho que vejo surgir. Um sonho de nós dois juntos, nos querendo.

Excitei-me ouvindo Denise...

– E onde nos veremos? – Perguntei.

– Posso escolher?

– É óbvio que pode. Você pode tudo.  
Risos dos dois...

Ficou certo de nos vermos no Shopping...  
Desliguei o telefone e belisquei-me.  
Lembrei-me do decorrido com meiguice.

Conheci Denise por intermédio de um conhecido meu. No primeiro encontro houve um clique entre nós, só que tivemos pouco tempo. Contudo, o destino tece rumos que nos surpreende, e ontem nos vimos de novo, no sítio. Discorremos poucos verbetes, e veio o primeiro beijo, um loooongo beijo... Depois veio outro, e outros... Que encontro lindo que tive com Denise, ferventes sonhos, em poucos minutos, porém, inesquecíveis...

“Que mulher”... Perdi-me em enlevos por um momento. Despertei... Iniciei meus serviços como noutros corriqueiros e comuns domingos... Inquieto pelo surpreendente próximo encontro com Denise. “Que mulher”...

De noite – perto do momento de nosso encontro – fiquei pior, meu peito tornou-se um misto de desespero e fulgor, como em todo



primeiro encontro, ou segundo. Entrei no chuveiro e fiquei por um looooooongo tempo sentindo o morno líquido incolor correr pelo meu corpo, embebendo meu espírito de esplendor. Emergi do chuveiro depois de uns vinte minutos e sequei-me, me perfumei com um *Hugo Boss* e fui me vestir.

No Shopping escolhido eu cheguei uns dez minutos depois do que combinei com Denise, só que dei sorte, porque Denise chegou uns quinze minutos depois de mim. Demorou um pouquinho, porém chegou.

Denise surgiu sob um belíssimo tubinho preto, com um pingente em ouro pendendo por entre um surpreendente decote em V, sobre um Luís XV vermelho, que me excitou, porém, contive-me. “Pinto duro num Shopping Center nem sempre é bem visto” – pensei. Ignorei o instinto e comportei-me como tem que ser um ser que possui cérebro... Cérebro com Q.I... É óbvio! Risos do escritor.

– Demorei? – Denise questionou-me com um doce sussurro no ouvido.

– Estou muito feliz só por você ter vindo  
– respondi, sorrindo, num sussurro como o de

Denise, só que o meu foi junto com um leve beijo no pescoço.

Denise eriçou-se, um leve rubor corou-lhe o rosto, porém, se comportou como os seres que têm cérebro. Risos do escritor.

– Você quer comer? Ver um filme? O que você quer meu bem?

– Primeiro eu preciso comer, mesmo que for só um petisco, estou morrendo de fome. Tomei somente um copo de leite hoje cedo, depois só respirei e vegetei.

– Tudo bem... – Concordei com Denise.  
– E por que ficou sem comer? – Fiquei curioso.

– E se eu lhe disser que foi por que desde ontem – depois do nosso encontro – eu só pensei em você, o tempo todo?

– Foi bom o suficiente que fez com que você se esquecesse inclusive de comer?

– Foi ótimo! Excelente! Contudo... Se fosse só isso...

– O que você quer dizer com “se fosse só isso”? O que ocorreu? – Inquiri Denise.

– Preciso lhe dizer um negócio muito sério. Pôr todos os pingos nos seus devidos is. Só que isso só depois de comermos. Pode ser?

– Tudo bem... – Consenti, e contive-me, curioso. – É sério?

– É sério sim, só que é em nosso benefício. Confie em mim...

– Tudo bem – concordei sem insistir muito.

– Podemos comer? – Denise questionou-me de novo, com um leve e lindo sorriso.

– Demorou, né? – Brinquei, e quebrei o gelo do momento.

Nós dois rimos. Denise chegou pertinho de mim, tocou docemente em meu rosto e puxou-lho, deu-me um selinho. – Confie em mim – Denise proferiu e olhou fundo nos meus olhos, chegou perto de novo, e me deu um loooongo beijo.

Fervi-me por dentro, excitei-me com o beijo, e o medo do negócio sério que Denise disse sumiu por um momento.

Envolvidos um no outro percorremos o extenso corredor. Nós dois felizes por nos vermos de novo.

No fim do corredor demos de frente com inúmeros recintos, e escolhemos um – Denise escolheu, e eu concordei – que serve peixe cru.

Comemos inúmeros dos benditos peixes crus e bebemos muito vinho entre deliciosos sorrisos, nos conhecendo, nos querendo, e só depois inquiri Denise:

– Podemos...

– Bom... – Denise interrompeu-me. – O que vou lhe dizer pode por um fim em todo o belo que vivemos ontem no sítio e hoje neste shopping, pode por fim num sonho meu e seu.

– Tudo bem, Denise. Eu vou enten...

– Eu tenho um compromisso, Júlio. Um homem com quem vivi meus últimos sete verões... Verões de choro, de desespero, de querer morrer. Verões muito tristes. Entreguei os pontos, mingüei por longos e frios invernos. Sem sonho, sem querer um futuro, sem ver sequer um futuro... Sentindo por vezes o fim muito perto. Só que você surgiu e iluminou o meu peito com novos sonhos... Porém, eu tenho um compromisso... Esse é o negócio sério...

– Denise, eu...

– Tudo bem! Tudo bem... Você tem todo direito de cuspir em mim, de me...

– Denise – interrompi. – O que quero viver com você é futuro. O que você fez ontem é o de menos. Só quero viver contigo e, se você

me quiser, o resto é só empecilho, mínimo empecilho.

– É tudo o que eu quero. E como eu quero, Júlio. Um viver intenso e com sorrisos junto de ti, um viver sem socos, sem dores e sem xingos, como vivi nos meus últimos outonos. Eu só vou resolver o que tenho que resolver com meu esposo, ou ex-esposo, e seremos muito felizes.

– Eu lhe espero, Denise – concluí. – Porém, espero que entre nós o sincero sempre impere. Se tivermos que mentir é melhor escolhermos o fim.

– Eu prometo, e desde hoje desprendo todo o sincero que existe dentro de mim. Confie no meu desejo, e no que eu digo. Você mexeu comigo, isso é visível. E eu lhe quero... Como quero...

Denise chegou perto de mim, tocou levemente no meu rosto, fechou os olhos repletos de choro e pediu-me um beijo. Fechei os meus com císcos e recebi o beijo, tudo se emudeceu. O mundo silenciou-se... Por nós dois...

\*\*\*

Empós o beijo nos despedimos e, ficou certo de nos vermos de novo em vinte e cinco de Outubro, um mês depois desse nosso encontro no shopping. Mês longo e triste. Conversei com Denise somente por telefone, e sempre com choro dos dois. Foi duro e doloroso, porém, findou...

Em vinte e cinco de Outubro esperei no ponto em que ficou certo de nos vermos, por dez minutos. E depois de um tempinho em pé pude ver Denise vindo, pouco feliz... Com óculos escuros e olhos no piso.

– Que bom lhe ver de... – Tentei dizer.

Denise impediu-me, jogou fortemente seu corpo sobre o meu, e chorou por uns cinco compridos minutos, sobre o meu ombro, sobre o meu peito. Recebi seu desespero sem ter sequer o que dizer, fiquei mudo por uns segundos.

– O que foi Denise? – Perguntei, depois do término do primeiro susto.

– Ele me socou, Júlio... Ele me socou de novo – Denise continuou o choro e, nos seus poucos dizeres entendi tudo.

– Continuei quieto, só ouvindo, sendo ombro. – Mulher, escute-me... – brinquei com o intuito de obter um sorriso, e deu certo, Denise deixou um singelo sorriso surgir no meio de um profundo choro, misto de dor e medo. – É o momento de você recolher seus pertences e vir comigo. Esquece o que você viveu com esse homem que só lhe fez sofrer, pise nesse episódio e reinvente seu destino, seu futuro. Existe um terno e infinito mundo sobre os muros, um imenso e belíssimo horizonte, onde você pode correr e sorrir. Comigo, é óbvio. – Gerei outro riso. – Onde nós dois viveremos juntos, felizes... Remodele seu destino comigo... – Nesse momento mirei meus olhos bem nos olhos de Denise, vi dor, desespero, choro, o roxo, e vi desejo, um desejo com o meu nome, um pedido mudo, vindo do íntimo, do peito. Li o pedido de Denise. – Te quero – sussurrei.

– E eu te quero em dobro! – Denise emendou, e jogou-se de novo no meu colo. – Eu vou colher meus objetos e lhe encontro no seu *loft*...

– Eu vou contigo!

– Impossível, querido. É melhor eu ir só, o Henrique (nome do esposo de Denise) é muito

hostil, e envolver você em socos é o que menos quero neste momento.

– Denise, se for preciso eu quebro esse imbecil.

– Júlio... Escute-me, por obséquio. Deixe-me ir só. Eu juro que pego meus pertences e sumo. Hoje foi o último soco que levei, confie em mim. Vou recolher tudo o que preciso e lhe encontro. Confie em mim, querido.

– Tudo bem, eu lhe espero – concordei meio inquieto, querendo ir junto.

– Confie em mim – Denise insistiu. – Hoje mesmo eu lhe encontro no seu *loft*.

– Um novo viver? – Perguntei.

– Um novo viver, eu lhe prometo – Denise chegou bem perto de mim, secou o choro e deu-me um leve beijo, bem terno. – Um novo viver, eu juro. Dê-me uns minutos e logo nos veremos, hoje mesmo eu decido tudo. – Denise beijou-me levemente, olhou nos meus olhos, virou-se e correu.

Fiquei perplexo e sem entender um décimo do ocorrido. “Por que Denise correu”? – Pensei. Porém, o impossível de interferir só me deu um destino, o meu *loft*... E o regredir do relógio... Foi o que fiz. No meu *loft* eu cheguei



cem minutos depois do encontro com Denise, e inquieto esperei outros cem.

Depois de muito tempo do que combinei com Denise, ouvi um ruído externo. Corri e, pelo vidro do corredor vi o veículo verde de Denise. Meu peito ferveu... Despentei do *loft* num desespero tremendo. Denise me viu correndo e sorriu. Só que o meio fio foi meu limite, de repente – entre Denise e eu – surgiu um motoqueiro do desconhecido, todo de preto, e me deu dois tiros, um no joelho e outro no peito. O do joelho fez-me perder o equilíbrio, senti... E o do peito fez-me perder os sentidos, deitei, ouvi um último grito de desespero emitido por Denise, e meu mundo escureceu.

Denise contou-me depois os pormenores do ocorrido. Sobre o desespero que sentiu no momento em que me viu morrendo no meio fio. Disse-me que pediu socorro e ninguém ouviu. Que discou o número do corpo de bombeiros e esperou-lhes por dez minutos.

\*\*\*

Brotei do fim – sobre o leito do centro intensivo de um pronto-socorro –, confuso, repleto de tubos e gemendo de dor.

O viver é incerto, sem completos... Sem eternos... Num minuto eu vivo e feliz, noutra moribundo, com um pé no poço e um no liso.

Observei os médicos e enfermeiros por pouquíssimos segundos, mexendo em meus tubos, conferindo o meu soro, meu pulso, depois tudo escuro, de novo. Dormi por muito tempo e, despertei com o sublime toque de Denise percorrendo o meu rosto, de leve... Bem de leve... Num primeiro momento pensei que fosse sonho, delírio, febre. Denise sorriu de novo, junto de um choro contido e feliz. Chorei junto, sorri muito... Nós dois de novo.

– Que bom vê-lo de novo, querido! Tive imenso medo de lhe perder.

– Estou vivo, Denise... Estou vivo... – Um imenso choro correu sobre meu rosto, um choro feliz.

– Foi ele, querido... Foi ele quem lhe deu os dois tiros.

– Ele quem, Denise? O que quer dizer?

– Foi o Henrique, querido. Foi ele quem lhe deu os tiros no peito e no joelho.

– Como? – Perguntei perplexo. – Isso é impossível! Só se ele seguisse você.

– E foi isso mesmo o que ocorreu querido... Ele seguiu-me e descontou em você o fervor dos cornos.

– Éééé, senhor ....., o senhor prossegue vivo neste mundo por sorte, e foi por muito pouco... Você tomou um tiro que irrompeu seu peito e perfurou um de seus pulmões – o médico entrou no leito, interrompendo Denise e eu.

– Foi sério mesmo, doutor? – Questionei o celeste ser que impediu o meu cedo fenecer.

– Muito sério... Só que isso foi ontem, é decorrido. O que eu quero do senhor neste momento, seu Júlio, é de um repouso bem feito, sem excessos. Seu reerguer definitivo depende disso.

– Tudo bem, doutor – compreendi.

– Eu prenderei esse moço em domicílio, doutor, pode crer nisso – Denise emendou.

– Isso é bom, o vigie de perto... E sem excessos, como eu disse.

– E o berço, doutor?

– Que berço?

– Ué, com todo esse colóquio entre Denise e o senhor estou me sentindo um bebê... Sei que preciso de repouso... Sem excessos – concluí, torcendo o beíço e fingindo nervoso.

Risos dos dois, de Denise e do doutor.

Deixei o centro intensivo depois de uns dois meses, e o médico só me liberou depois de uns três.

Vendi o meu *loft*, Denise fugiu em definitivo. E o ex-esposo – criminoso e corno – sumiu desde o momento em que levei os tiros. Ninguém o viu e ninguém o encontrou depois do delito.

\*\*\*

Denise e eu desistimos de nossos velhos empregos e, decidimos percorrer por um rumo incerto, pelo mundo inteiro, sem destino, sem tempo, sem querer muito. Conhecemos o frio do Chile, do Peru, dos pólos, vimos belíssimos poentes no Egito, no México, em Luxemburgo, em Montenegro... Rimos com o colorido do Cirque du soleil, com todo o belo que existe no globo. Conhecemos pobres e luxuosos viveres.

Perdemos muitos preconceitos, recebemos conselhos, presentes e, vimos que é possível um escolher divino, o romper do medo, do sofrimento.

Tivemos nosso primeiro filho depois de dois verões juntos. O que mudou em definitivo nosso modo de viver. Interrompemos inúmeros sonhos, fizemos novos, vivendo o nobre e o esplêndido que todos querem ter, sendo cúmplice um do outro, fiel um com o outro, num mútuo respeito...

O segredo de um viver feliz...

...fim.

\*\*\*

Neste momento, leitor, segue o segundo conto:

### ***O mistério do pingente de ouro.***

No cume do meu desespero, num suplício de um progenitor que se sente

impotente defronte de seu filho moribundo, eu busquei todos os remédios possíveis que pudessem socorrê-lo. Conversei com médicos diversos, visitei todos os templos e terreiros conhecidos, porém, nenhum sucesso eu obtive, meu menino segue ruim, doente, inconsciente sobre um leito frio de um pronto-socorro. Só que ninguém descobre o que ele tem...

E o pior, é que têm cinco meses que fiquei viúvo, um delinquente ébrio perdeu o controle de seu veículo e tirou Denise de mim. E desde esse momento, o meu filho é o único ente querido que possuo, por isso, o medo de perdê-lo tornou-se tremendo. Se Denise pelo menos estivesse comigo...

Sinto-me esquecido por Deus, sem rumo, sem um belo como horizonte, querendo morrer... E se meu filho se for, eu perderei em definitivo o gosto pelo viver... E é por isso que imploro...

Depois de todo poente, sempre coloco meus joelhos sobre o piso frio do meu dormitório e rezo... Rezo muito. Contudo, penso que sou um súplice de um nume que nem sequer me ouve. Questiono o porquê de Deus ter feito isso comigo. Primeiro levou Denise, e hoje quer



– É sério, doutor? – Lhe inquiri de novo, com voz de choro.

– Dê um pulinho em meu consultório, Júlio – o doutor concluiu.

– Tudo bem, doutor. Em vinte minutinhos estou no consultório.

Depois do colóquio com o doutor Dionísio – que só é doutor porque defendeu tese incomum –, vesti-me, olhei o dormitório todo colorido do meu filho, vi seus brinquedos, o bonequinho que lhe dei no outono em que ele completou seis invernos, observei tudo e de novo eu chorei. Fechei o cômodo. No corredor fiz um último pedido: Que Deus protegesse o meu filho, meu querido menino...

Fiquei pouco tempo no ponto, e o meu ônibus logo surgiu.

No consultório – que é no térreo do mesmo pronto-socorro em que meu menino insisti pelo viver – eu cheguei veloz, em vinte e dois minutos, um pouquinho perto do que prometi.

O doutor mesmo recebeu-me.

– O que ocorreu com meu filho, doutor? Ele piorou? Melhorou? – Despejei questões –



em tom histérico – sobre o médico. Num desespero enorme.

– Sente-se, Júlio – ele pediu-me.

– Obedeci de pronto, nervoso com o momento.

– Júlio... – o doutor começou. – Eu pretendo ser bem objetivo no que quero lhe dizer.

– Pode me dizer, doutor! O que meu filho tem? É sério?

– É sério sim, Júlio – o médico enfiou esse duro veredito em meu peito. E nesse momento perdi os sentidos, pensei no meu filho indo, eu sozinho, sem entes queridos. – O seu filho tem um tumor no cérebro, Júlio... De um tipo inédito no mundo. É muito sério...

Quis morrer com os dizeres que ouvi e, em silêncio, de novo julguei Deus.

– Júlio, escute-me! O seu filho tem os melhores médicos, os melhores enfermeiros, os melhores serviços. Procure ter controle. Prometo-lhe que despenderei todo esforço que eu tiver em seu filho. Se depender de mim, ele vive.

– Por obséquio, doutor... Eu lhe imploro...

– Procure ter controle, Júlio... Procure ter controle. É preciso ter fé, pois nesses momentos isso é o melhor remédio.

– Tudo bem, doutor, eu terei... Se for possível.

– Se você quiser, pode ir ver seu filho no leito três do centro intensivo três. Só que chegue em silêncio.

– Irei vê-lo – emendei de pronto. – Cuide dele doutor, por obséquio – concluí, com imenso choro querendo correr em meu rosto. Com medo...

– Eu cuido, Júlio... Confie em mim...

– Vou vê-lo.

– Isso, pode ir – o doutor encerrou.

Fui recebido no centro intensivo três por um enfermeiro muito receptivo, com um belo sorriso. Perguntei-lhe sobre o menino do leito três. O enfermeiro indicou-me o leito e depois me disse: O senhor tem quinze minutos.

– Só isso?

– Só, senhor... Temos procedimentos rigorosos no centro intensivo e, é preciso cumpri-los.

– Tudo bem – compreendi e respeitei o enfermeiro.

Fui ver o meu pequeno presente de Deus, todo inocente, inerte, cheio de tubos, com lindos momentos interrompidos. Toquei em seu rosto. Lembrei-me dos momentos em que o vi correndo com seus brinquedos, todo feliz e, chorei por vê-lo morrendo.

Fiquei com meu filho no centro intensivo pelos quinze minutos permitidos, tempo que foi muito curto.

– O tempo encerrou, senhor – o enfermeiro decretou.

Fiquei triste pelo pouco tempo que tive, contudo, obedeci. Dei um último beijo no meu filho e emergi do centro intensivo. Despentei do pronto-socorro em soluços, imerso em choro, perdido, sem rumo, sem querer viver. Sobre mim vi um lúgubre céu querendo engolir-me, com nuvens tristes, sem luz.

Por um tempo, nenhum rumo surgiu-me como destino, de novo eu quis morrer, de novo fui herege, sem fé, sem um mínimo gosto pelo viver. No horizonte somente um breu despido, um mundo escuro rindo de mim, do meu destino.

Com os olhos perdidos iniciei um percurso sem um fim definido e, depois de poucos metros decorridos entrei num beco e decidi fugir do meu desespero. Lembrei-me de um boteco conhecido e fui... No decurso, um menino...

– Tio... O senhor tem um dinheiro? Eu estou com fome, com frio...

– Que dinheiro o quê, moleque... Some! – Expulsei o menino que, sem medo, nem se moveu e, perguntou-me:

– O que entristece o senhor?

– Como disse? – Inquiri o moleque.

– Eu perguntei sobre o motivo que entristece o senhor.

– Vê se some seu moleque! – Insisti com meus insultos. Porém, segui meu destino, curioso e inquieto com o quê o menino perguntou-me. Empós poucos metros olhei por sobre o ombro e vi o mesmo menino, quietinho, encolhido sobre o meio fio, com fome, com frio... Senti um pouco de remorso, contudo, continuei...

Cheguei ligeiro no boteco e logo pedi um copo com dois dedos de uísque.

– O senhor quer gelo? – O jovem do boteco objetou-me.

– Pode por um cubinho – concluí.

Um minuto depois, meu copo chegou e, virei o conteúdo num só gole.

– Me vê outro, meu querido, por obséquio – solicitei.

– O moço olhou-me perplexo, porém, em silêncio recebeu o meu pedido e serviu-me de outro gole.

De novo eu virei e pedi o terceiro, depois outro, e outros...

Só despertei sob os meus lençóis e cobertores no dilúculo seguinte, tonto.

De repente, vi o mesmo menino do beco, dentro do meu cômodo e, levei um susto. Pensei que fosse um sonho, esfreguei os olhos e o menino continuou de pé, com seus olhos sobre mim e o esboço de um leve sorriso no rosto. “Eu estou louco, é isso” – pensei. Esfreguei de novo os meus olhos, e outro susto eu levei no momento em que percebi o verídico defronte de mim.

– Como entrou no meu dormitório, seu moleque? – O questioneei nervoso.

– Desculpe-me tio... É que o senhor ficou ruim ontem no boteco, e eu lhe trouxe.

– Como me trouxe?

– Eu mexi no seu bolso e vi um bilhete contendo seu endereço. Depois, junto com um conhecido meu eu lhe trouxe, só isso... Desculpe-me... E como o senhor melhorou, eu estou indo.

– Que indo o quê! Explique-me direitinho isso! Ontem eu lhe neguei dinheiro, lhe deixei com fome e com frio, contudo, você ignorou o meu desprezo e trouxe-me, ébrio. É muito nobre o que você fez. E por que fez isso?

– Só porque é certo, tio... Só porque é certo... O boteco do seu José é muito perigoso.

– Só porque é certo, sei... – refleti. – Você tem um espírito bondoso, guri.

– Só fiz o que é certo, tio...

– Tudo bem... – Encerrei o colóquio e, emergi dos cobertores. Espreguicei-me um pouco... – Você é sozinho no mundo? – Questionei o menino, curioso.

– Sou, tio... Eu sou sozinho – ele respondeu-me, com olhos tristes. – Só que é por pouco tempo.

– E os seus entes queridos?

– Houve um incêndio no meu prédio e morreu todo mundo, tio. O enterro foi ontem, no Cemitério dos lírios.

– Sinto muito – concluí sem ter muito o quê dizer e, nesse momento, o remorso intensificou-se dentro de mim, pois me lembrei que deixei o pobre menino com fome e com frio sobre o meio fio. – Como é o seu nome?

– Meu nome é Uriel, tio.

– Que nome lindo... E o seu prédio, é longe?

– Meu prédio é perto do Fórum, um edifício verde. Que hoje virou um esqueleto negro de cimento.

Depois destes dizeres, o menino ficou um tempo com os olhos perdidos no piso. Logo após esboçou um leve e terno sorriso, de intenso brilho e, inquiriu-me:

– O que lhe entristece, tio?

– Que curioso... Ontem você me perguntou isso... E hoje de novo... Como pode ter conhecimento de que estou triste? – Objetei.

– Os seus olhos dizem. Só consigo ver medo, dor e desespero neles – o menino despejou sobre mim estes dizeres.

Lembrei-me do meu pequeno filho inconsciente sobre o leito do centro intensivo e, foi impossível conter o choro.

– O que me entristece é o meu filho doente. Ele tem um tumor no cérebro que é muito sério, inclusive, preciso ir vê-lo no pronto-socorro.

– Eu posso ir com o senhor?

Surpreendi-me com o súbito pedido do menino e com o porquê dele querer ir junto.

– Por que quer ir comigo? – O interroguei.

– Só quero vê-lo, tio... Como ele é?

– Ele é um menino lindo, cortês, bondoso, o melhor presente que recebi de Deus, porém, neste momento, o mesmo Deus que me presenteou quer o meu filho. Como pode um Ser bondoso ser cruel desse jeito?

– É que nem sempre os desígnios de Deus obedecem nossos desejos, tio... Confie Nele.

– Eu tento, guri... Juro que tento. Procuro entender o motivo disso tudo, só que é difícil. É



difícil você ver seu filho morrendo e ter fé de que isso é certo, de que isso é um destino escrito por Deus.

– Confie Nele, tio... Confie Nele.

De novo um pouco de choro correu sobre meu rosto, o enxuguei e peguei o meu terno sobre um móvel rústico que tenho.

– Bom... Se você quer mesmo ir ver meu filho, me espere um tempinho que eu preciso de uns minutinhos sob o chuveiro. Eu estou fedendo, num misto de suor e uísque e, deste modo é impossível eu ir – discorri.

– Eu espero, tio.

– Se você quiser, sente-se sobre os lençóis mesmo.

– Eu fico em pé mesmo, tio.

– Como quiser... Eu volto num minuto – findei o colóquio.

Deixei o menino sozinho no meu dormitório e fui me despir. Entrei sob o delicioso fervor do chuveiro e retirei de mim os resquícios do porre que tomei. Refleti um pouco sobre tudo, sobre o poço escuro em que me encontro nos últimos tempos, sobre meu emprego. “Putz, o meu emprego” – um súbito impulso preocupou-me no momento em que me

lembrei do meu emprego. “Eu preciso discorrer com meu chefe, pois se eu perder o emprego o meu filho perde o convênio” – pensei inquieto. Desliguei o chuveiro com esse medo corroendo-me. Vesti-me ligeiro e o meu primeiro destino depois do chuveiro foi o telefone.

O menino viu-me surgindo do irrigo com desespero e pouco entendeu.

Peguei o fone, disquei o número do meu chefe e esperei.

– Quem é vivo sempre ressurgue, hein – foi o que meu chefe disse.

– Tudo bem, Rodolfo?

– Comigo sim. E com o senhor que sumiu do seu emprego sem nem sequer expor um motivo?

– Desculpe-me chefe! Eu sei que fui pueril.

– E põe pueril nisso – ele interrompeu-me. O quê que houve Júlio?

– É o meu filho, Rodolfo. O médico descobriu que ele tem um tumor no cérebro. E eu perdi-me em desespero e esqueci-me de tudo, inclusive do emprego. Desculpe-me, Rodolfo.

– Sinto muito pelo seu filho, Júlio. Só que o doutor Sérgio é muito menos compreensivo

do que eu. Têm conteúdos e clientes seus pendentes que ninguém conhece. Você tem que vir, ou o Sérgio lhe substitui por outro.

– Eu entendo Rodolfo... Oh, neste momento estou indo ver o meu filho no pronto-socorro, contudo, depois disso eu porei meus miolos em ordem e neste domingo mesmo eu surjo no escritório e resolvo tudo. Confie em mim.

– Eu confio, Júlio. Só que vem mesmo, porque seu emprego corre risco.

– Eu irei – concluí e desliguei o telefone. “Perder meu emprego é o pior que pode ocorrer-me neste momento” – refleti.

– Tudo bem, tio? – O menino – sobre os meus lençóis sujos – perguntou-me e tirou-me dos meus medos internos.

– Tudo – respondi, fingindo controle. – Você quer ir mesmo comigo, Uriel?

– Se puder eu quero.

– Pode sim. Só que primeiro nós comeremos um pouco. Certo?

– Como o senhor preferir.

Uriel e eu fizemos o jejum – com ovos mexidos, bolo e suco – em vinte minutos.

Perdemos outros vinte e cinco no ponto de ônibus e, surgimos no pronto-socorro só depois de uns cento e dez minutos. O excessivo número de veículos – costumeiro no momento de pico – prejudicou nosso fluir.

No centro intensivo procurei o mesmo enfermeiro de sempre e, ele, logo que me viu, veio receber-me.

– Tudo bem, seu Júlio?

– Tudo bom, Clemente – respondi. – E o meu filho, melhorou?

– Sinto muito, seu Júlio. Ele segue inconsciente.

Senti-me triste com os dizeres do enfermeiro, pensei no meu filhinho sofrendo, inocente e, percebendo o pessimismo em meus olhos com choro, Clemente tirou-me do desespero:

– E este menino, quem é? – O enfermeiro questionou-me.

– É o meu sobrinho Uriel – respondi o que me veio no momento. – Ele veio ver o priminho.

– Seu Júlio, o tempo que vocês têm é só quinze minutos. E só é permitido o ingresso de

um de vocês por vez. Eu lhe disse sobre os procedimentos...

– Tudo bem, Clemente. Nós dividimos o tempo. Uns cinco minutinhos dele e uns dez meu, pode ser?

– Como o senhor quiser. Se cumprirem os quinze, tudo bem.

– Certo – concordei.

O enfermeiro retirou-se...

– Uriel, entre você primeiro e depois eu vou, só que você só tem cinco minutinhos. Entendeu?

– Entendi – tio. E oh, confie em Deus.

– Cinco minutinhos, Uriel – respondi seco, sem querer ter fé. Depois me virei e o deixei sozinho.

O pequeno Uriel entrou no leito três e viu o menino doente, inocente, cheio de tubos, inconsciente, morrendo. Uriel chegou bem perto e tocou-lhe no rosto, de modo terno. Vinícius despertou e ficou feliz por ver um menino de luz lhe sorrindo um sorriso de intenso brilho, belo. Vinícius retribuiu o sorriso.

– Tudo bem, Vinícius? – O menino Uriel perguntou-lhe.

– Tudo... Só estou com um pouco de dor... Quem é você? – Vinícius objetou, sem conhecer o menino.

– Eu lhe trouxe um presente – Uriel respondeu no momento em que retirou do pescoço um cordel de ouro junto de um pingente, um crucifixo, de ouro como o cordel. Colocou no pescoço do pequeno Vinícius e proferiu os seguintes dizeres: “Leve sempre contigo este cordel, ele tem o poder de lhe proteger. Só que, continue sendo sempre um menino bom, porque o cordel só protege os que seguem o bem. Respeite o seu querido genitor, respeite os outros seres e, lembre-se sempre de Deus, pois foi ele quem lhe enviou este presente”.

Vinícius piscou o olho como se estivesse num sonho e, nesse ligeiro tempo, o menino Uriel sumiu...

– Enfermeiro... Enfermeiro! – O pequeno gritou.

Num primeiro momento, o enfermeiro Clemente ignorou os sons recebidos por seus ouvidos.

– Enfermeiro... Enfermeiro! Vinícius insistiu.

Com os novos gritos, que o enfermeiro percebeu serem de menino, Clemente correu no leito três e, ficou surpreso com o que viu. O pequeno Vinícius desperto, sorrindo.

– Meu Deus – foi o que Clemente conseguiu dizer.

Percebi o término dos cinco minutos de Uriel e entrei no leito três bem no momento em que ouvi o “meu Deus” proferido pelo enfermeiro.

– O que houve Clemente?

– Ele despertou... O seu filho despertou Júlio – foi o que Clemente despejou sobre mim.

– O quê? – Perguntei perplexo.

– O seu filho, seu Júlio! Ele despertou.

– Filho! – Emocionei-me no momento em que vi Vinícius desperto sobre o leito, sorrindo. – Meu filho! – Corri, com o rosto repleto de choro e o peito explodindo, feliz, e joguei-me sobre o meu menino. – Meu querido,

como eu tive medo de lhe perder. Como eu tive medo... – Cingi bem forte o corpinho do meu filho.

Todo feliz e perdido com o esplêndido do momento, pronunciei:

– Você viu Uriel? O meu filho desper... – Iniciei os dizeres, porém, olhei no entorno e percebi o sumiço do menino. – Uriel? Ninguém... Só Clemente, meu filho e eu no leito três. – E o menino, Clemente?

– E eu é que sei seu Júlio?

– Ué, como um menino some de um centro intensivo?

– E eu é que sei seu Júlio? Eu cuido de cinco leitos e, só vim no leito três, do seu filho, porque ouvi um grito.

– Fui eu quem gritou. Porque eu vi um menino todo de luz. Só que ele conversou comigo e depois sumiu.

– Você viu o Uriel, filho?

– Eu vi. O nome dele é Uriel? Ele me deu este presente, oh! – Vinícius mostrou o cordel de ouro com o crucifixo. – Ele me disse que isto tem o poder de me proteger, desde que eu continue sendo um menino bom. Depois disso ele sumiu...



– Presente? E ele lhe disse isso, filho? –  
Perguntei perplexo, sem entender, e olhei o  
pingente pendendo no fio de ouro.

– Disse...

– Seu Júlio, o senhor tem um minutinho?  
– O enfermeiro questionou-me.

– É óbvio que tenho. Deixe-me só me  
despedir do meu filho que logo cedo-lhe o  
minutinho que quer.

– Tudo bem – Clemente concluiu.

Cheguei perto do meu filho de novo e  
toquei-lhe no rosto, o choro formou-se em mim  
e correu livre; mitigo de um espírito repleto de  
dor e desespero. “Meu menino vivo” – pensei  
comigo. Dei outro forte beijo nele, sequei o  
choro, lhe disse dois ou três dizeres de conforto.  
Ele sorriu tímido, doentinho. Toquei-lhe no  
rosto e, de novo o choro quis correr.

– Fique com Deus, meu filho – proferei  
por fim, lhe dei um último beijo e emergi do  
leito três.

– O que foi Clemente? – Inquiri o  
enfermeiro.

– Júlio, sinto lhe dizer...

– O que foi? – Interrompi o enfermeiro, inquieto.

– Isso que ocorreu com seu filho pode ser um último suspiro de morte.

– O quê?

– Desculpe-me dizer isso, seu Júlio... É que muitos indivíduos vêm do inconsciente como se quisesse emitir um último despedir. Por isso descrevemos esse fenômeno como último suspiro de morte e, pode ser isso o quê ocorreu com seu filho.

Nesse momento o doutor Dionísio entrou no centro intensivo...

– Que bom que o senhor chegou, doutor.

– O que houve Clemente? – O doutor inquiriu o enfermeiro. – Tudo bem contigo, Júlio? – E cumprimentou-me.

– Tudo, doutor – respondi.

– O que houve? – Ele questionou Clemente de novo.

– É que o Vinícius despertou doutor...

– Despertou? – Doutor Dionísio interrogou com olhos surpresos.

– Despertou. E eu comentei com o senhor Júlio que isso pode ser somente o que descrevemos como último suspiro de morte.

– Certo. Eu quero discorrer contigo um minutinho, pode ser? – O médico intimou o enfermeiro.

– É óbvio que pode doutor – Clemente concordou e despontou de perto de nós, do doutor e eu.

– Espere-me um pouquinho, seu Júlio, só preciso discutir uns pormenores com o enfermeiro e logo converso contigo.

– Tudo bem, doutor. Eu lhe espero.

Eu pude ouvir um pouco do colóquio entre os dois...

– Que negócio é esse de último suspiro de morte, Clemente? Você é louco de dizer isso?

– Eu só quis impedir um súbito e mentiroso otimismo do seu Júlio.

– Como “eu só quis impedir um súbito otimismo”? Otimismo é bom, é muito bom! Esse vulgo termo “último suspiro de morte” é um negócio nosso, difundido e que deve morrer dentro do corpo clínico, somente. Um doente –

ou ente querido do mesmo – ouvir isso é um crime. Espero que você evite repetir este equívoco, ou terei que repreendê-lo.

– Desculpe-me, doutor – escutei o enfermeiro dizer. – Me desculpe.

– Pondere seus dizeres, Clemente... Pondere seus dizeres...

– Oi Júlio – o doutor veio em meu sentido, com um sorriso fingido no rosto, e pose de semideus.

– Que negócio é esse de “último suspiro de morte”, doutor?

– É, Júlio... Isso é verídico. Pode ser isso sim. Só que me deixe vê-lo primeiro. Depois disso é que poderei ter um juízo clínico correto e, no momento em que conseguir isso, eu te ligo.

– Como, doutor? Eu preciso ter conhecimento do que o meu filho tem.

– Eu sei Júlio. Só que eu preciso de um estudo sério, preciso de tempo. Temos que cumprir todos os procedimentos. Fique sereno, no momento em que tiver um prognóstico eu te ligo. Confie em mim...

– Tudo bem, doutor... Cuide do meu filho.

– Confie em mim, Júlio.

\*\*\*

Foi doloroso ver meu filho desperto e ter que ir, porém, consenti e, empós ouvir o doutor eu despentei do centro intensivo. Com os olhos procurei Uriel nos corredores, só que desisti por ver os diversos corredores desertos. Desci, sumi de perto do pronto-socorro e fiquei percorrendo pelos becos do entorno.

“O Uriel... Como ele pôde sumir desse jeito?” – Refleti no momento em que me lembrei do guri que me retirou ébrio do boteco. – E por que sumiu? – Fiquei inquirindo-me.

De repente veio-me em mente de que no corpo de bombeiros fosse possível eu obter um indício do menino, e rumei...

No recinto fui recebido por um tenente (vi escrito no uniforme dele), jovem, ereto, de poucos dizeres.

– Tudo bem, tenente? – O questioneiei.

– Tudo. E o senhor?

– Estou bem...

– E o que quer dos bombeiros?

– É sobre um incêndio que houve num prédio verde, perto do Fórum...

– E o quê que tem?

– É que eu conheci um menino residente do prédio. Ele sobreviveu, só que perdeu todos os entes queridos no ocorrido.

– Ninguém sobreviveu senhor! – O tenente disse.

– Como ninguém sobreviveu se eu conheci um menino, de nome Uriel, que me discorreu sobre o incêndio?

– Sobre o quê o senhor ouviu, eu pouco sei, porém, estive no prédio e lhe confirmo que ninguém emergiu vivo do inferno que o prédio tornou-se. O fogo começou no térreo, o incêndio subiu e consumiu muito ligeiro os pisos superiores. Foi impossível um indivíduo sequer correr. Morreu todo mundo. Foi horrível... Foi horrível. – O tenente concluiu incisivo, sem que me fosse possível emitir um pio sequer de protesto.

– Tudo bem – desisti de insistir com o jovem bombeiro.

Pensei em Uriel e no que ouvi do bombeiro e, fiquei confuso. Só que por súbito impulso lembrei-me do nome do cemitério dito

pelo menino: Cemitério dos lírios. Meu destino seguinte...

Depois que enfrentei um longo tempo espremido no metrô e no ônibus, no cemitério eu cheguei. Procurei o coveiro e o questioneei sobre os mortos do prédio verde.

– O senhor segue reto e volve no quinto corredor, perto dos ipês roxos.

– O senhor é muito gentil – elogiei o solícito coveiro. Depois segui por onde ele me orientou.

No corredor que o coveiro indicou-me eu cheguei depois de uns cem metros percorridos e, fiquei perplexo com o que vi: Dez... Vinte... Um monte de cruzes verdes. Os mortos do prédio verde. Olhei no entorno e por um momento pensei que fosse ver o pequeno Uriel, choroso, sobre os túmulos de seus entes queridos, contudo, nenhum menino eu vi, somente o silêncio, os lírios, e cruzes. Li os inscritos nos túmulos, muitos jovens entre os mortos e, depois de ler uns cinco ou seis eu vi um que gelou o meu espírito: Uriel, doze verões vividos, um menino lindo, bondoso.

“Meu Deus”... Fiquei perplexo, mudo, cheguei perto do túmulo e chorei, chorei muito sobre o sepulcro do menino.

Triiiiiimmm... Trimm... Meu telefone gritou e tremeu dentro do bolso direito do meu terno e, tirou-me dos enlevos em que estive por segundos. Peguei o telefone e vi o número do médico no visor...

– Oi doutor – o recebi com desespero.

– Oi Júlio... Dê um pulinho no pronto-socorro, por obséquio.

– O que houve doutor? O que houve? O meu filho morreu? – Entrei num misto de medo e horror, pensei no pior, senti meu peito doer.

– Júlio! Júlio!

– Oi doutor... – Continuei ouvindo, triste.

– O tumor do seu filho sumiu, Júlio. E eu...

– O quê, doutor? – Esqueci o telefone e gritei feliz, tremendo. E de repente pensei no menino. “O pingente de ouro” – lembrei-me do presente recebido por meu filho.

Desliguei o telefone e chorei de novo, entreguei-me sobre o túmulo fresco e cheio de flores do menino, juntei os punhos e rezei:



– Querido, desculpe-me por ter sido um monstro contigo. Deixei-lhe com fome e com frio, contudo, você ignorou o meu desprezo e foi bondoso comigo, com meu filho. Envergonho-me pelo que fiz, desculpe-me.

Nesse momento o meu choro intensificou-se.

– Virei sempre lhe ver, Uriel. Terei sempre teu nome e teu rosto presentes em meu peito, como um presente de Deus que cruzou meu destino. Um Deus que julguei de um modo vil e injusto.

Sentei-me perto do túmulo do menino e fiquei por um bom tempo reconhecendo o que o pequeno Uriel fez por mim. Pensei no que o doutor me disse e senti-me feliz. O fresco dos Zéfiro com perfume de flores beijou meu rosto, o horizonte tornou-se colorido, lindo e, o gosto pelo viver voltou. “Meu menino vivo, que sonho”...

Desculpei-me com Deus pelos diversos insultos que lhe proferi, pelos juízos que Dele fiz. Olhei de novo o túmulo do pequeno Uriel, peguei um lírio no corredor – perto de um ipê roxo –, o beijei e o coloquei sobre o sepulcro do

menino e, com um singelo sorriso no rosto, despedi-me.

Seguei o choro, ergui-me e voltei em pulos pelo mesmo corredor. Um novo gosto pelo viver inundou meu espírito. Corri feliz, querendo ver o meu filho, sem me esquecer de Uriel e do presente que ele me trouxe, o misterioso pingente de ouro...

...fim.

\*\*\*

Depois que digitei o último verbete dos meus dois contos, senti-me orgulhoso. Os revisei ponto por ponto, corrigi diversos erros, mudei uns quinze ou vinte trechos e, no momento em que gostei do todo que li, imprimi os textos com muito esmero. Os peguei e os depusitei dentro do mesmo precioso envelope preto e, lembrei-me do editor. “Escrevi o diferente, como ele pediu-me”.

Soltei um singelo sorriso e fechei o envelope, tirei o medo de dentro de mim e persisti em meu sonho.

De novo enfrentei metrô e ônibus entupidos de gente. “Que metrópole impossível” – pensei.

No escritório o editor mesmo recebeu-me, como sempre. Sentei-me, como sempre. Esperei ele beber um gole de uísque, como sempre e, empós ler os meus dois contos ele proferiu duros dizeres, como sempre.

– Querido, eu lhe disse que somente publico o que vende. Isto que me trouxe é bom, é difícil de escrever, só que, quem quer ler esse tipo de texto? Ninguém! O leitor de hoje quer suspenses, contos de terror, textos reflexivos, ilusões. Um texto que os tire do mundo duro em que vivemos. Eu sei que você se esforçou e que ficou um bom tempo escrevendo este texto só porque lhe pedi o diferente. Reconheço o seu empenho, porém, eu vivo de vender livros e, este seu texto é impossível eu vender, sinto muito – o editor findou o doloroso veredito e, de novo negou os meus textos.

– Tudo bem, senhor – desisti. Peguei meu envelope e despentei do escritório, triste... Muito triste...

Contudo, pensei em todo o esforço que despejei no escrever dos textos, ergui o pescoço

e senti-me feliz pelo crescimento obtido nos tropeços que enfrentei.

Procurei o editor que publicou meus outros livros e custeei o próximo, este que você lê.

Continuo desconhecido e, mesmo sem vender expressivos números, mesmo sendo impossível eu ver um livro meu como um best-seller, o que me move é o meu sonho.

O sonho de ser escritor...

## *Epílogo.*

Querido leitor, se você chegou neste ponto é porque fui digno de ser no mínimo lido e, por isso, fico muito feliz.

Do mesmo modo, fico feliz por ter conseguido concluir este novo livro, pois foi muito doloroso compô-lo.

Cozi meus miolos, fritei preciosos neurônios, mergulhei em sinônimos, sujeitos ocultos, pronomes. Por inúmeros momentos pensei em desistir.

Senti medo – como por vezes repeti no texto –, muito medo de que o fruto deste meu louco esforço fosse recebido com desdém, porém, hoje vejo que consegui. Um dos meus projetos foi obtido, independentemente do juízo que os invejosos fizeram...

Seguirei em frente com meus quereres, pundonoroso com meus sonhos e, espero que você, querido leitor, do mesmo modo busque os seus. Sem temer os ferimentos, esquecendo os pretéritos sofrimentos, porque o que nos move, é o presente.

Um enorme beijo do medíocre escritor  
que vos escreveu.

Logo nos veremos de novo...

## **Contatos com o autor:**

[www.elderprates.com](http://www.elderprates.com)

[elder.prates@yahoo.com.br](mailto:elder.prates@yahoo.com.br)